

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O Seculo Comico

O SEculo



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

ELEIÇÕES



- Todos votam... menos eu



PALESTRA AMENA

Fevet opus

Votem I

Estão as eleições á porta e nós, que não somos políticos, que desenfastiadamente damos aqui a nossa sovanesinha quandomalha a qualquer ministerio, seja de que partido for, somos hoje a dizer-vos que voteis. Sobram razões para vos aconselharmos neste sentido e não se-reis tão faltos de entendimento que não as saibais, tão bem ou melhor do que nós.

Não votar é, primeiro do que tudo, perder o direito a queixar-se quando no Parlamento se fazem e dizem asneiras. Se não indicastes quem julgaveis competente, como podereis censurar os incompetentes? E porque não votastes? Por preguiça, por não vos incomodardes? N'esse caso mereceis a censura que merecem todos os que podem causar um mal que lhes era possível evitar. Porque julgais que não ha pessoas capazes de ocupar o lugar de deputados ou de senadores? Mas quem sois vós, qual é o vosso orgulho, que assim julgais poder avaliar dos meritos de centos de pessoas, a maior parte das quais não conheceis?

Não votar, por qué? Pois dá-vos algum trabalho o chegardes á sala do escrutinio, quando por motivos insignificantes, para dardes um simples passeio, para irdes dar dois dedos de conversa a um amigo ou a uma namorada, para irdes muitas vezes praticar uma má acção costumais ir mais longe e peor caminho? E' a lista algum objecto pesado e incomodo, suja-vos mais as mãos do que as nojentas cedulas em que tocais a cada momento?

Não votais, porque julgais que um voto a mais ou a menos nada influe no resultado final? Mas isso é uma parvoice de marca, porque se todos pensassem tão tolaemente, se todos se abstivessem, o paiz não teria quem o representasse — ou antes, seria representado por quem os governos quizessem, por quem não lhes fiscalisasse os actos, visto que não se esqueceriam das chamadas «descargas» nos respectivos cadernos de recenseamento...

Sabeis o que uma vez aconteceu em Coimbra, por via da abstenção, da indifferença ou do desprezo dos eleitores pelo que era seu dever? Aconteceu que meia duzia de pandegos, sabendo perfeitamente que não haveria votação no deputado por aquele circulo, compareceram na igreja onde as eleições deviam effectuar-se e respondendo á chamada, votaram n'um alfaiate com quem a rapaziada «chuchava», porque se julgava salvador da pátria e não o eram das batatas. Abertas as listas, aconteceram que o homem foi eleito por unanimidade — e tornou-se necessario que a autoridade fizesse batota, isto é, fingisse que muitos mais cidadãos tinham votado em individuo diferente, para se não dar o caso comico de Coimbras ser em S. Bento representada por um lunatico. Isto, já se sabe, era no tempo em

que cairia o Carmo e a Trindade se um lunatico fosse feito deputado...

O alfaiate em questão fartou-se de dizer, e durante muitos anos o disse, que tinha sido roubado, e tinha carradas de razão. Roubado por quem? Por vós, abstencionistas, que não votando cometeis um roubo, sem dardes por tal e o peor é que é a vós proprios que roubais.

Votai no dia 10 — já que nós não votamos, porque não estamos para estopadas...

J. Neutral.

As Ilhas adjacentes

Ha dias, o nosso chistoso colega «Diario do Governo» publicou um decreto reformando mais uma vez a instrução secundaria, pelo qual se vê que para a entrada nos liceus se exige um exame chamado de «admissão». Até aqui está muito bem.

Do que consta o dito exame tambem resa o decreto, ficando-se a saber que



as exigencias não são demasiadas, para os pequenos. O que tambem está muito bem.

E pede-se no exame de admissão «Corografia de Portugal Continental e das suas Colonias». Aqui é que está muito mal.

...E está muito mal porque esta supressão do estudo das ilhas adjacentes, conjugada com os boatos que tem corrido no Brasil de que as ilhas alienar, parece que dá razão aos boat-iros. Porque não fará caso o legislador, do arquipelago da Madeira e do dos Açores?

Querem vér que nas altas regiões se ignora que existem essas ilhas?

Espera-se a resposta, para a enviarmos ao homem.

Problema resolvido

N'um dos salões cá da casa o sr. major Antonio Palma realisona uma notavel conferencia, em que tratou do problema do inquilinato e da possibilidade de se reduzirem as criadas de servir.

Não o pudemos ouvir, mas parecos que o sr. major Palma, n'este ultimo ponto, foi superfluo. Desde que as criadas pedem 20 escudos mensais, fóra o resto, é inutil procurar mais: o problema está resolvido. O numero d'elas tende para zero, que é um regalo!

Vai o titulo em latim, para o leitor ver que não somos ignorantes de hontem nem de hoje. «Fevet opus», na presente occasião, isto é, em vespuras de eleições, quer dizer que se trabalha por esse país, fóra, que seria um louvar a Deus, se o sr. dr. Afonso Costa o não tem separado do Estado.

Trechos de correspondencias da provincia para o «Seculo Comico», que não publicamos na integra, pela costumada falta de espaço:

«Já temos prometido, se vingar a candidatura do sr. F. nada menos do que quatro estradas macadamizadas, tres fontes monumentais e um hospital...»

Outro:

«Chegaram hontem 32 engenheiros com um nivel e uma bandeirola... O entusiasmo é indiscriminado...»

Outro:

«Finalmente vamos ter uns paços de Concelho, muito embora esta povoação não seja concelho. Tambem nos foi prometido um regimento, um liceu, um posto hipico...»

Outro:

«O candidato governmental falou hontem aos eleitores, no comicio organizado para esse fim. Prometeu, em nome do governo, que durante 10 anos os povos d'esta freguezia e 15 leguas em redondo não pagariam contribuições algumas...»

Outro:

«O povo d'esta vila não oculta os seus sentimentos monarchicos, mas está resolvido a votar em massa no deputado proposto pelo partido republicano português porque sua ex.ª fez a solene promessa de que a monarchia seria restaurada se o elegessem...»

Mude de côres e de flôres

Lá tivemos, no domingo passado, mais uma representação dos conservatorianos, com as inevitaveis «Rosas de todo o ano» e «Pierrot negro e Pierrot côr de rosa», do illustre director da Escola de Arte de Representar, o festejado escritor Julio Dantas.

Mas, são tantas as festas que lhe te-



mos feito, por aquelas duas peças e estamos tão fartinhos de rosas de todo ano e dos «pierrots» pretos e rosos que nos atrevemos a pedir ao autor que... mude de côres e de flôres. Que diabo! A flora é grande e as côres são sete, fóra as secundarias.

Outra côr! Outra flor!



TEATRADAS

Carta do Jerolmo

Cempre alemburada Zefa

Lanso mais uma vez mão da penna cum penna de nan puder cer mais isteço porque tinha munto que te dezer mas cumo nan tanha nada que te dezer ponco te dezerei cenão que istimo có fazer di esta tu esteijas cá i iscurreita ca minha é vóá nan desfazendo i vai ós pois vou dezerte estas duas mal nutadas regras para te dezer que lá fuim ó triato nassional uma noite di estas pra ver uma pessa du mê amigo Lorenzo que nan é de braga mas é de campo maior que é uma terra caindas é mais grande é campo grande i vai ós pois u dito Lorenzo fez agora uma pessa xamada a «destrucada» que é uma grande porca capanhou u isponso na guerra i vai d'aim nan le quiz ficar atraz i apanhou a pleumoneca mas cumo u marido nan le fazia bixinha gata in antes de ir prá fransa ella deule pra gustar de velhos pra riba de 70 anas, tadinha caquilo foi a pleumoneca que le çbiu á cabeça i a fez malouquina de toudo i vai ós pois caiu cumo um patinho cum u velho que é o medeco que a tratou i que gustou munto dela porque nan á nada pra fazer furmosa uma mulher cum a é a freve i vai ós pois u isponso volta i ela cumesa cum u ramorço a ruerle lá pur dentro i conta tudo a uma amiga que le diz tarde piastes i a conhada de ela que é mana du isponso tamem vem a çaber i u ma ido lá pró diante cumesa a iscunfiar que é aquela coisa que nós çabemos (cumo o noço cumpadre Zé da Caneca cando foi pró brazil i a noça cumpadre andou cá á gandaia cum a rapaziada) mas já se çabe é u ultimo a çabelo que tonda a gente já istá farta de çaber i farta de le oivir préguntar u que tará a mulher i farta de oivir dezer a touda a jente que nan çabe inté ca conhada diz que foi ela que caiu cum o medeco i u mano fica munto arrelimpado mas a mulher grita que nan quer u çacrefisso da conhada i que ela é que los prantou i vai ós pois ela sai pela porta du fundo i u ome fica parado na prassa i ós pois naturalmente vem us çabrestos i levam u pró curral mas a jente nan açiste a ço porque a pessa acaba in antes du clarim tucar a recolher u boi i cum isto nan te infado mais i ouve xamadas ó lavrador de campo maior i ce foce in espanha davamle a urelha mas cá dasele có 7 pur sento da receita du triato que é mêmo un pio pur un olho i dá arrecomendasçis minhas a quem pur mim préguntar i bejos ós çaxopos i coidades ó noço bacro malhado cas minhas pra contigo có á vista trão fiu deste teu marido á fasia da ingreja neja pello cevil inté cando deus quixer.

Jerolmo

Emprezario do Paulitea ma
de Peras Rulvas,

EM FOCO

Outra vez a sr.^a Tereza de Jesus

*Essa cabra e re-cabra dona Estrudes,
Que foi patrôa d'esta prove escrava,
Não se alembra da fome que me dava,
E diz que é mêmo um poço de virtudes!*

*Lá porque eu e as colegas semos rudes
Faz-se toda pimpona e toda brava,
E porque me escompoz, mandando á fava,
Julga que tem mais graça que o Bramudes!*

*Pois saibam que por baixo do vestido
Traz roupa sem lavage ha quatro mezes,
Que não passa de sopa e de cosido,*

*Que tive lá em casa muntas fêzes
Por cósá da soldada, e que o marido
Só aos domingos é que lava os péses!*

TAREZA DE JASUS

(BELMIRO, conion)



Combate singular

Mannelistas e duartistas andam muito escamados uns com os outros e tanto que, se não fossem os sentimentos religiosos que os animam, a estas horas correria o sangue que tão precioso é para ser derramado por melhor causa. Consta-nos que suas adversarias magestades estão descontentíssimas com o desenlace da pendencia; religião sim,



dizem eles, mas tesura á parte, de modo que estão resolvidos a bater-se eles proprios, já que os seus subditos, se estão nas tintas para isso.

Do nosso Manuel já nós conhecemos a coragem; quanto ao Duartinho já ha uns poucos de dias que anda a brincar com soldados de chumbo e não cessa de dizer, a quem o quer ouvir, que «ha-de espetar o pino».

Não ganha uma pessoa para sustos.

O marquez de Pombal

Descobrin se agora que para edificar o monumento ao grande marquez, no lugar onde principiaram as obras, nas quais se gastaram já muitos contos, seria necessario gastar mais, só em alicerces—287 contos.

Ora, como aquilo não é a igreja de S. Mamede, que estava muito bom relacionada, não ha remedio senão fazer-

se o monumento n'outro sitio, começando-se pelo principio e ficando sem efeito o que já se fez.

E lembrar-se uma pessoa que o homem caiu na asneira de reedificar Lisboa, como se a Providencia, para arrazá-la, não tivesse tido carradas de razã !

Correspondencia

C. MOURAO—Tem, efectivamente, desculpa por ser o primeiro. Escreva muitos mais, rasgue-os, depois escreva mais, continue a rasga-los — e um dia apareça, mas d'agui até lá não lhe doa a cabeça, nem a nó.

O teimoso

Nada: o sr. governador civil teve qualquer coisa — no bom sentido do termo — com a criada que o serve ou servia, para assim teimar no livrete. Aquilo foi esturro no refogado, terrina partida, comida mal feita, camisa queimada ao ser passada a ferro, ou precalço ainda maior.

Tambem não nos custa a acreditar—



ainda sem maldade — que se trate de amores mal correspondidos. A cachopinha não esteve pelos autos e a vingança estenden-se a toda a classe, á semelhança de Herodes, que para dar cabo d'um só menino decretou a degolação de todos os inocentes da Judeia.

E, a proposito, oxalá que não fique de futuro com a alcunha de Herodes das sopeiras. Sempre tinha uma rima mais feia!

MONOMANIA



— Que fez aquele homem!
 — Não quer andar. Endoideceu e tem a mania de que é carro eléctrico!